

A Rosa e a Cruz

Marcello Salvaggio

A ROSA E A CRUZ

Copyright © 2023 by Marcello Salvaggio

Todos os direitos reservados.

Você não pode copiar, exibir, distribuir, executar, criar obras derivadas nem fazer uso comercial desta obra sem a devida permissão do autor.

Revisão

Raphael Chartres

Arte de Capa

Alexandre Bouré

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Salvaggio, Marcello

A rosa e a cruz / Marcello Salvaggio. -- São Bernardo do Campo, SP : Marcello Salvaggio, 2023. -- (A rosa e a cruz ; 1)

ISBN 978-65-00-85124-3

1. Ficção histórica I. Título. II. Série.

23-179288

CDD-B869.3081

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção histórica : Literatura brasileira

B869.3081

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Prefácio

A intenção desta obra não é, o que seria lugar-comum e reducionista, tecer uma crítica à Igreja Católica, de tão rica tradição, muito menos denegrir a religiosidade genuína, e sim, além de ser sobretudo uma ficção, e portanto fruto da imaginação e da pesquisa do autor que vos fala, fazer uma reflexão sobre os demônios internos do ser humano, os únicos que podem realmente nos dobrar, os que abrem as portas para muitos dos males externos.

Já conheci pessoas que tentaram tirar a própria vida: em casos como esses, devemos cultivar o respeito e o amor por nosso semelhante que se encontrou em uma situação tão crítica, não julgamentos e interpretações arbitrárias que jamais poderão nos proporcionar o que o outro sentiu, que só servem para alimentar o desespero alheio.

O medo, a cobrança, a inveja, a intolerância, a ganância e a hipocrisia – secular ou religiosa – são as verdadeiras criaturas das trevas que tentam obscurecer estas páginas, e podem se manifestar em qualquer um de nós e em qualquer cultura ou instituição. O grande problema não se enraíza nas religiões nem nos sistemas políticos, mas nos seres humanos que insistem em não olhar para dentro e cedem aos demônios ao redor. Se há ameaças próximas e o perigo nos ronda, é porque demos alguns passos adiante em uma terra na qual não deveríamos ter pisado.

De toda forma, uma vez que entramos nela, só nos resta ir em frente, e compreender que as sombras na floresta são, mais profundamente, sombras de nós mesmos.

PRIMEIRA PARTE

OS CRUZADOS

CAPÍTULO 1

I – Na superfície

As palmas de suas mãos estavam cobertas de poeira vermelha, que não pontilhavam apenas seu corpo como também as paredes da casa. Precisava tomar coragem e olhar para fora.

Quando era um moleque imbecil e ficava de olho nas lavadeiras de passagem, mamãe me dizia para tomar jeito e me aconselhava a não ficar zanzando por aí, mas agora sou o preboste do vilarejo. Tinha, portanto, a honrosa responsabilidade que lhe impunha a missão de se ocupar não só de sua administração, como também de sua defesa; uma pena que naquele momento não pudesse fazer nada.

Deus me defenderá! O pó vermelho invadia a casa mesmo com as janelas fechadas. Ultrapassava as menores fendas.

Sacudiu a cabeça, cambaleou e sua mão, embora trêmula, reabriu a janela. Jogou o olhar para fora. Os dois seguiam ali, sob o pôr do sol.

A menina, em seu vestido esfarrapado, não parecia ter mais do que seis anos. Sorria e balançava os cabelos pretos em sua dança. Era a única disposta a brincar naquele corredor de casas de palha, madeira e taipa. Enquanto o cavaleiro seria uma estátua de aço se não fossem as narinas inquietas de seu corcel, seu rosto ocultado pelo bacinete.

– Seja sincero comigo, meu senhor: por acaso veio cortar a minha cabeça? – A garotinha pálida não demonstrou qualquer abalo ao perguntar.

Uma cruz de pontas afiadas estava presente tanto em vermelho na capa como em prata no centro da armadura do guerreiro. Quando o vira chegar ao vilarejo, o coração do preboste enchera-se da certeza que estavam nas mãos de Deus. *A cruz do Senhor é loucura, porém não deixa de ser esperança.*

São feixes de luz unidos para dispersar as trevas do medo. O que assustava no cruzado, porém com certeza sem poder ser usado contra crianças, eram as duas espadas que trazia em sua cintura, uma de cada lado. Idênticas, destacavam-se as empunhaduras em um prateado mais escuro, em forma de dragões retorcidos. Estes pareciam fazer um tremendo esforço para morder, sem êxito, suas próprias caudas, em uma perseguição munida de desespero e dentes.

– O senhor não pode me machucar. – A menina apontou para o cavaleiro e deu uma piscadela. Com voz zombeteira, não parava de provocá-lo. – Se quiser, pode vir comer carpa frita comigo e com os meus pais hoje. Ou o senhor não me entende? Nunca ouviu falar das carpas de Sundgau? Ontem mesmo tivemos a festa de São Nicolau! Por que o senhor não participou? Ganhei biscoitos e pedaços de *pain d'épices*. Sabe como se faz? A minha mãe pode te passar a receita depois!

O cruzado não se movia. A menina gargalhou e o corcel bufava. O homem bateu com as esporas nos flancos do animal, que acelerou. Sem hesitação, pulou da sela ao mesmo tempo que desembainhava uma das espadas.

A empunhadura emanou uma luz de prata e o dragão em metal ganhou vida e mordeu a própria cauda: a cabeça da criança voou para longe com um único golpe e cavalo fugiu adiante.

A respiração do proboste emitia um ruído acuado. Levou a mão direita ao peito e acariciou-o. Seu queixo tremia.

– Isso não é bom. O senhor quer que eu chame os meus pais? – O rosto falou separado do corpo, no chão, sobre a pocilga de sangue que se formara e que parecia ter assumido a forma de uma rosa que recém-desabrochava.

Do tronco estanque brotou uma nova cabeça. A primeira se desmanchava na forma de uma gosma da cor da pele e dos cabelos fundidos, como se por cima daquela matéria tivesse sido despejada alguma espécie de ácido.

A nova cabeça girou sobre seu eixo. Os novos olhos apresentavam nas veias uma vermelhidão quase negra. Foi com estes que encarou primeiro o preboste, cujo rosto se tornou uma só palidez com a barba e os cabelos brancos, uma umidade quente encharcando-lhe as bragas, para então se fixar no cavaleiro.

O verde das árvores e da relva da região ficou ainda mais encoberto por aquela poeira encarnada, que brotava por geração espontânea, pois não havia vento.

O cavaleiro avançou de novo, porém desta vez a menina se moveu. Os dedos da mão direita adquiriram uma extensão anormal e agiram como lanças flexíveis. As unhas se transformaram em pontas metálicas. Foi vital o correto posicionamento para tirar proveito do visor perfurado em forma de cone, o que facilitou o desvio do ataque frontal.

Mais um golpe preciso e o braço da criatura com aparência de criança acabou cortado.

Vieram os dedos da outra mão para atingi-lo, mas sua esquiva foi mais rápida.

– Por que não desiste? – A voz da garotinha soou inumana. Emanava uma fome maníaca por carne triturada.

Gerou um novo braço. O decepado, caído, sofria um processo análogo ao da cabeça.

O cavaleiro foi rápido demais: desembainhou sua segunda espada e, em mais um avanço, aplicou dois golpes verticais simultâneos. Cortou de uma vez o braço inteiro e o pedaço do outro que se formava.

Por fim, perfurou-lhe o peito com uma lâmina e rachou-lhe a cabeça com a outra, agachado para ficar na altura adequada. Tudo a uma velocidade sobre-humana.

– Ele conseguiu! – Uma voz de comemoração veio da janela de outra das casas. Mais pessoas observavam o que acontecia. O preboste nem se dera conta.

– Será que não vai mais se regenerar? – Um homem de meia-

idade saiu da taverna mais próxima.

– Não se preocupem. – O cavaleiro falou. – Uma vez que o coração e o cérebro foram atingidos de forma simultânea ou num curto espaço de tempo, esse tipo de demônio não pode mais voltar à vida. – O sangue nas espadas desapareceu, absorvido pelo metal, antes que tornasse a embainhá-las.

Como por milagre, o pó vermelho que se espalhou apesar do ar estático também não deixaria rastros após a morte do demônio.

Muitas pessoas deixaram suas residências. Inclusive o preboste, agora sem qualquer resquício de tremor, com o coração aliviado.

– Como poderemos recompensá-lo? – perguntou ao seu salvador. – Além de tudo, fala muito bem a nossa língua! – Pois o cavaleiro se pronunciara em alsaciano, não no idioma oficial do reino, mais falado na *Île-de-France*. – Quer dizer que se interessa por nosso povo, por nossas tradições? Ou por acaso é nosso conterrâneo e por isso a Igreja o enviou para cá ao atender nossa requisição?

– Não confunda as coisas. Somos obrigados a saber os idiomas de todas as comunidades cristãs, mas não é um interesse particular meu. Trata-se de algo que envolve um dom do Espírito Santo, que nos permite aprender qualquer língua ou dialeto com facilidade.

– Oh, sim... sim, meu senhor! Mil desculpas. Não sabia desse detalhe, pois nunca antes havia estado com um cruzado. Mas o que devemos fazer agora?

– Primeiro retirem esse corpo imundo do meio da rua. – Retirou o elmo. Tinha o aspecto de um anjo, os cabelos loiros e cacheados, seus olhos porém similares a dois lagos de gelo, *quando na verdade acredito que um anjo deveria ter olhos semelhantes a duas fogueiras*. – Peço para que o enrolem e o mantenham assim até a meia-noite. E então, após ser realizada uma santa missa, queimem-no em frente à igreja à luz de círios.

Quando isso estiver terminado, a luz espantando as trevas, o senhor venha me visitar na hospedaria com o pagamento que puderem oferecer. Só não se esqueçam de não serem tacanhos, pois a avareza é um dos pecados mais custosos para que algum dia seja obtido o perdão divino. – Como só existiam uma igreja e uma hospedaria no vilarejo, parecia impossível encontrar naquela fala pontos de ambiguidade.

– Mil graças, mui nobre e reverenciável cavaleiro! O Senhor esteja sempre em sua presença. – O preboste fez uma reverência acompanhada do sinal da cruz e os demais ao redor o acompanharam.

– Ele está no meio de nós. – E foi recuperar o cavalo, que já vinha ao seu encontro.

Agarrou as rédeas, subiu no animal sem qualquer demonstração de calor e encaminhou-se para o estábulo da igreja.

Seu físico estava perfeito. Uma vez identificado, aquele típico devorador de crianças, que assumira a forma de sua última vítima, dera pouco trabalho.

Dizia-se que os cruzados sentiam de longe o cheiro do enxofre. O preboste se perguntou se isso era verdade.

De todo modo, vencer uma criatura daquelas jamais seria dificultoso para quem possuía o sangue de Cristo correndo em suas veias.

II – *De Profundis*

Aquela espelunca estava infestada de baratas. Acabara de pisar na terceira ou quarta. Detestava aquelas criaturas ainda mais do que os demônios. Seria melhor ver um rato. Estes, quando os achava, apanhava-os e acariciava-os. Esmagava-os apenas se tentavam mordê-lo e apreciava o estalar dos ossos que se partiam. Então se apressava para lavar os dedos sujos de sangue.

O rangido da cadeira lembrava-lhe o guincho desesperado dos roedores. A bem da verdade, toda aquela hospedaria feita de madeira velha rangia. Mas pelo menos a mesa parecia ser de bom carvalho.

Esticou a mão e apanhou a jarra cheia de vinho, que tinha um sabor amadeirado, porém seu estômago se contorceu porque outra barata se aproximava de seus pés. Desferiu-lhe uma rápida mirada lateral e consumou uma nova execução sumária à luz de um par de lamparinas de argila.

Mergulhou em um lago de náusea que tinha sede em sua barriga. Levantou-se curvo, mas endireitou-se e foi até a latrina que fedia a urina. A palha salpicada de fezes ressecadas. A ânsia de vômito subiu-lhe à boca. Mas apesar dos murmúrios das entranhas, nada saiu. Deu um suspiro e se sentou outra vez. Cruzou os braços e ergueu a cabeça.

Aguardava pelo administrador do vilarejo. Quanto tempo ainda demoraria?

Alguém bateu à porta.

– Pode entrar. Está aberta – falou com a voz grave. Sabia que ninguém teria coragem de entrar sem autorização.

– Aqui estou, meu senhor. Vim para trazer sua recompensa. – O preboste chegava sorridente, porém se esquecera de algo.

– Feche a porta.

– Ah, sim! Sim, meu senhor... – Fechou a porta atrás de si, com um leve tremor na mão, e seu sorriso se desvaneceu. – Aqui está. – Acercou-se com um odre de pele tintinante de moedas. Depositou-o sobre a mesa agora com a mão firme. – Espero que seja do agrado do senhor.

– Não se esqueça que não há razão para me agradar, pois a *recompensa* não é para mim. É para a santa Igreja, que me encarregou de purificar este vilarejo.

– É verdade! Perdão, meu senhor! Compreendo... Mil perdões se sou ignorante e por vezes me expresso mal, ainda que tenha sido eu mesmo a enviar o pedido para a vinda de um cruzado a

esta aldeia. É que pensei que ao menos uma parcela ficasse com o senhor.

– Não. A arrecadação dos cruzados é entregue em sua totalidade à Igreja. Para que depois, ao final de cada mês, retiremos os soldos necessários para a manutenção de nossas armas e armaduras, para adquirir novas roupas se preciso e para nos alimentarmos.

– A propósito disso, o senhor não gostaria de comer algo? Soube que ainda não pediu nada, talvez por receio do que possa ser servido em um local tão humilde, à parte o vinho que lhe mandamos assim que soubemos em qual quarto o senhor se achava. Poderia lhe providenciar algo de boa qualidade.

– Obrigado, mas nós cruzados só precisamos de uma pequena refeição a cada sete ou oito dias e comi anteontem. Em vez disso, gostaria de lhe pedir um único favor. Que nada tem a ver com comida, nem com dinheiro.

– Que favor? – O preboste franziu o cenho.

– Algum problema?

– N... não, meu s... senhor! Não! – gaguejou. – Claro que não! Pode pedir o que bem desejar.

– Que fique bem claro: isso deverá ficar entre nós dois. Além da terceira pessoa que será envolvida. Caso abra a sua boca, voltarei a este povoado o quanto antes apenas para cortar sua língua e depois sua garganta.

– Mas o que de tão terrível um homem tão virtuoso quanto o senhor poderia me pedir? – O ancião arregalou os olhos. – Afinal, não há nada que os olhos do bom Deus não vejam!

– De qualquer modo, nunca mencione isso que vou lhe pedir a mais ninguém. Muito menos a sacerdotes e a outros cruzados.

– Mas o que seria?

– Quero que me traga uma mulher. Que seja viúva e que tenha sido mãe. Não darei mais detalhes.

– Uma mulher? Mas os senhores... Como posso trazê-la?

– Não julgue o que não pode ver. Não tire conclusões

precipitadas.

– Ah... Agora entendo! Irá fazer a generosidade de eliminar os maus espíritos que às vezes assolam essas pobres mulheres! –

Um lampejo de esperança reluziu no sorriso falhado do velho.

– Mas não será então um favor feito por mim e sim mais um favor do senhor prestado à nossa comunidade!

– Traga-a logo. Minha intenção é ir embora ao nascer do Sol.

– Farei isso, não se preocupe! Mas, antes de ir, gostaria de saber o nome do senhor. Para que todos nesta aldeia fiquem a par, e não seja jamais esquecido. Ou é tão discreto que sequer seu nome pode nos divulgar?

– Eu me chamo Sigmund.

– Obrigado por tudo, senhor Sigmund.

O ancião fez uma reverência e saiu a passos atropelados.

Sozinho, o guerreiro passou as mãos pelo rosto e pelos cabelos. *Já não estou aguentando mais.* Apoiou os cotovelos sobre a mesa. *Meus olhos estão começando a ficar secos.* Era uma necessidade. E por isso considerava que não fosse pecado. *Pecar significa exceder-se. Perder o controle na exacerbação dos prazeres dos sentidos. O que não é o meu caso. Eu preciso! Caso contrário, terei sonhos pecaminosos e não conseguirei repousar, atormentado pelos demônios que matei e que começam a se aproximar. Não tenho medo, mas quero preservar minha sanidade e minha paz de espírito. Toda vez que mato, é a mesma coisa.* A cada missão que cumpria, sentia mais do que uma ânsia nas partes baixas. Tratava-se de um volume que borbulhava e depois ardia. Precisava jogá-lo para fora o quanto antes ou as sensações de ardor e queimação se espalhavam por todo o corpo. Chegavam à cabeça e aos olhos. Um frêmito de angústia e prazer ansiado, que não conseguia aplacar de outra forma, visto que deixara de praticar o onanismo desde seus primeiros tempos como cruzado. Não apenas por considerá-lo um pecado, um excesso dos sentidos, uma falta de autocontrole. E sim porque, nas ocasiões em que

tentara levar adiante um ato do tipo, as piores recordações do passado haviam-lhe vindo à mente e não pudera se abrandar, pelo contrário: as imagens das pessoas tinham se transformado em demônios aterradores, que *queimavam* seus órgãos genitais e interrompiam a ereção com dor. Menos mal que, ao verificar depois, nada fora danificado. Um alívio que o *fogo* permanecera em outro plano da existência. Quando estava com uma mulher, todo esse sofrimento não ocorria.

Mas por que uma viúva e mãe?

– Aqui está, meu senhor. Ela também expressou interesse em agradecê-lo. – O velho a trouxe.

– Obrigado, senhor preboste. Pode se retirar. – O cavaleiro acenou com a cabeça. A custo continha seu fogo interno. Apesar das palavras polidas, fulminou o ancião com o olhar para que este saísse o quanto antes.

– Sim, meu senhor... e nós é que agradecemos! – Amedrontado por aquela expressão, o idoso saiu tremendo um pouco, como se não estivesse devidamente agasalhado ao ser atingido por uma ventania de inverno.

Sigmund se voltou para a mulher, que usava um vestido remendado em verde e amarelo e tinha por volta de quarenta anos, pálida e com o nariz chato, os cabelos que um pouco lembravam palha em parte cobertos por um lenço. Seu olhar assustadiço. Não conseguia encarar o cruzado.

– Muito bem. Agora estamos a sós. Sente-se.

– O que deseja de mim, meu senhor? – Expandiu os olhos ao indagar. – Posso fazer tudo o que for da sua vontade. E estou disposta a colaborar também caso algo precise ser feito em mim. – Sentou-se na outra cadeira do aposento.

– É muito bom ouvir isso – sorria pela primeira vez desde que chegara ao povoado; e ela franziu a fronte: havia algo naquele

sorriso que não condizia com a beleza angelical do cruzado, majestoso mesmo sem os trajes de batalha, pois vestia agora uma túnica vermelha e dourada de mangas compridas que lhe alcançava os joelhos, as pernas recobertas por uma calça branca e larga. – Tem quantos filhos? Algum menino?

– Um rapaz e uma menina. – *Confio nele. É um homem virtuoso, capaz de exterminar demônios!*

– Um casal. Muito bonito isso. Saiba que admiro profundamente a maternidade. – Assumi uma expressão afável. – E gostaria de ter tido uma irmã.

– Uma pena que não tenha tido.

– Sequer pai tive. Meu único pai é Deus.

– Admira-me sua fé, meu senhor. Embora lamente que não tenha conhecido seu pai terreno. – E ele se levantou.

– Você fique. E não há o que lamentar. – Fez um gesto para que ela não se erguesse e foi até suas costas. Apoiou as mãos em seus ombros. – Há muito tempo que não recebe os carinhos de um homem? – Pôs-se a massageá-los.

– Meu senhor? – Arregalou mais os olhos, voltou-se para trás e deu de cara com um semblante malicioso. Não teve forças para deixar de fitá-lo, como se tivesse sido hipnotizada.

– Seu marido partiu há quanto tempo?

– Dois anos.

– É um bom tempo. – Retirou o lenço que lhe cobria a cabeça e pôs-se a acariciar os cabelos ásperos. – Tempo suficiente para que qualquer ser humano enlouqueça.

– O que está dizendo, bom cavaleiro? – Abaixou a cabeça. Sua voz saía mais fraca.

– Nada de mais. Assim como não há nada de mais em brincar com nossos sentidos quando somos tementes a Deus. – Retirou as mãos dos ombros dela e começou a se despir, primeiro de sua túnica e na sequência da camisa que vestia por baixo.

– Mas... meu senhor! – Negou-se a olhar para o corpo daquele homem, um guerreiro investido pela Igreja, membro de uma

Ordem sagrada. Tampou o rosto com as mãos. – Como podemos ser tementes a Deus se caímos no pecado da carne?

– Cairíamos no pecado se a senhora ainda fosse casada.

– Mas o senhor não deveria ser casto?

– Apenas não posso cometer excessos. Sou um homem de carne e ossos. E como tal às vezes preciso de alguém que aqueça a minha pele. – *É verdade! As mãos dele são muito frias!*

Não tardou para não resistir mais e tirar devagar as mãos da frente dos olhos. Virou-se outra vez para fitar com discrição aquele torso nu masculino, musculoso e liso, a não ser por um elemento: a cicatriz da cruz em sua pele, que ao que tudo indicava fora feita por um ferro quente.

Seus olhos fugiram para o umbigo do *cruce signatus*.

– Mas a Igreja não o proíbe? E as leis da Igreja não são as leis de Deus? – Tornou a se voltar para o lado oposto, como se adiantasse de algo, e juntou as mãos.

– A Igreja representa Deus, mas não é Deus. A alma da nossa Igreja é a menos imperfeita que existe neste mundo, mas ainda assim possui falhas, pois é coordenada pelos homens. – Foi para a frente da viúva, que, um tanto curvada, apoiou as mãos nos joelhos. Encarou-o com temor. – Existe um motivo bem preciso que nos obriga a sermos celibatários, que nada tem a ver com a determinação de Deus, que apenas pretende que não sejamos escravos dos sentidos, que Ele nos concedeu para que fossem nossos servos.

– E qual seria esse motivo?

– Se padres tivessem filhos, como ficariam as questões envolvendo heranças? E nós cruzados, embora não sejamos sacerdotes ou diáconos, afinal não ministramos sacramentos, pertencemos a uma Ordem da Igreja, assim como os membros das ordens monásticas, e também residimos em terras e moradas que não são nossas.

– Eu não entendo bem. Mas se é o que o senhor diz...

– Sei que é difícil. Mas não precisa entender nada, na verdade.
– Era hora de tirar a calça; soltou os cordões que a prendiam à braga.

– Não, meu senhor, por favor! Por que eu? Não tenho nada de excepcional!

– Você é mãe. – Assim que ficou nu, Sigmund levou a mão direita ao queixo dela, espremeu-o e beijou-a. – Não gema. – Fitou-a com seriedade. Algumas lágrimas desciam. Enxugou-as com seus próprios dedos. Lambeu-os um por um. Antes de tocar os seios.

Ela passou a ofegar, ainda que de forma discreta. O que não esperava era ver uma sombra assustadora nas costas do guerreiro: pertencia a uma criatura rubra e encurvada, de chifres que nasciam na frente, percorriam o dorso e se espalhavam para a cauda; estava de cabeça baixa.

Contudo, de repente a levantou, revelando um abominável rosto de barba e queixo vermelhos.

– Não grite! – O cruzado escancarou os olhos e fulminou-a com severidade ao ela ameaçar soltar um berro, tapando-lhe a boca com a mão pesada. – Se fizer isso, precisarei cortar sua garganta. Não se esqueça: nada do que aconteceu aqui aconteceu realmente. Nada! Nunca se esqueça disso! Ou terei que voltar aqui algum dia só para matá-la. – As lágrimas se misturaram ao suor; desta vez ele não deu importância ao choro: pegou-a em seus braços e arremessou-a na cama, onde de pronto se atirou para despi-la e possui-la. – Não tenha medo. – Mas a criatura cínica continuava ali, às suas costas. Perceptível apenas para a pobre mulher, que fechou os olhos e nem assim deixou de vê-la.

– Senhor... meu Senhor!

– Fique quieta.

Ela silenciou, mordendo o lábio.

A penetração era rápida e a sensibilidade em seu membro intensa. Por fim iria se aliviar.

Como pode? Um homem de Deus fazendo isso comigo, e ainda tendo um demônio às suas costas? Isto não deveria estar acontecendo. E ele é tão belo!... Tudo o que está acontecendo não deve passar da minha imaginação! Pequei, desejei. E acabei criando essa monstruosidade! É um castigo, é isso o que é. Se está ocorrendo de verdade, Deus está usando esse homem como um instrumento para me punir pela minha perversão! Não soube respeitar a memória do meu marido e estou sendo justamente castigada. Esse demônio que vejo é meu e não dele. Está sendo retirado de mim. É isso! Uma onda de prazer reverberou por seu corpo. Então desmaiou.

Ao recuperar os sentidos, estava outra vez vestida, ainda na cama do quarto na hospedaria, Sigmund sentado próximo à mesa, já com suas vestimentas de cavaleiro, apenas sem o capacete.

Foi um mau sonho. Isso mesmo! Tudo não passou de um devaneio. Ou será que se tratou de um castigo divino pela minha luxúria? Pode ser que uma coisa derive da outra, invadida que fui pelas imagens dos incubos. O que quer que tenha sido, ele me ajudou! Até se passou por um monstro ou fez com que eu o confundisse com um. Preciso agradecer! Refletia de forma confusa à medida que despertava e esfregava os olhos.

– Obrigada por tudo, meu senhor. Serei sempre grata...

– Saia. – Ele olhava para a porta.

– Peço perdão por qualquer mal-entendido.

– Não me peça perdão. Saia e jamais conte a ninguém o que ocorreu aqui.

– Não posso nem mesmo dizer que o senhor me ajudou?

– Se pensa assim, de qualquer forma não é necessário. Irão querer saber detalhes. Diga que tivemos apenas uma simples entrevista e que oramos juntos.

– Está bem, meu senhor. – Ela se levantou, cambaleante; estava toda dolorida. O incubo tentara violentá-la, mas o bravo

cruzado, apenas com seu poder espiritual, impedira-o a tempo. Não eram assim tão raros os pesadelos que se materializavam como carne sangrante. – Obrigada mais uma vez. – Quanto mais se aproximava da porta, mais os passos ganhavam estabilidade.

– Vá. – Passou a olhar para o chão.

Por que não salientei mais uma vez que se abrir a boca terei de matá-la? Perguntou-se depois que ela já partira.

Respirou fundo, cerrou os olhos e bateu a mão direita, fechada, no meio do peito, com força. Permaneceu ali, sem reabri-los e sem sair do lugar nem mudar de posição, até o amanhecer.

CAPÍTULO 2

I – Na superfície

Manhã de euforia em Sevilha. As ruas estavam bem mais movimentadas do que de costume, com o principal mercado da cidade em polvorosa:

- Comprem hoje! Último dia para a venda!
- Bonecos por um maravedi! Efigies por quatro!

Os comerciantes não paravam de gritar e as pessoas adunavam-se às centenas, desesperadas, em volta das tendas e barracas. Algumas se empurravam, outras pulavam umas sobre as outras. Não eram respeitados nem os mais velhos, lançados com violência de queixo no chão quando significavam alguma forma de concorrência, os pisoteios não raros.

O Auto da Fé fora anunciado com quatro semanas de antecedência. Começara com a proclamação na praça principal por parte de um sacerdote inquisidor. E a divulgação prosseguira nos dias seguintes, durante as missas e por meio de panfletos.

Como sempre costumava acontecer na iminência de tamanho evento, afluíam cristãos dos territórios vizinhos e mesmo peregrinos de nem tão perto, aos quais de alguma forma chegara a notícia.

Os bonecos de pano ou madeira e as efigies de argila, cera ou pedra representavam os condenados, vestidos com os mesmos trajes. Deveriam ser jogados nas fogueiras pelos espectadores depois que estas já tivessem completado algum tempo acesas, após a autorização do inquisidor de posição mais elevada presente no local. Do faturamento das vendas, a Igreja recebia a décima parte.

O ar parecia mais agitado com todas aquelas vozes, como se a cidade estivesse com dez vezes mais habitantes, e assim prosseguiu por todo o dia.

Ao entardecer, Sevilha já respirava as chamas, com um pôr do sol mais agressivo e vermelho do que de costume. O próprio astro-rei aparentava ser um olho carregado de ódio, o rosto do céu mergulhando em um poço de sangue. Faltava o outro olho, ao que tudo indicava queimado pelas labaredas em volta.

Os Autos da Fé haviam sofrido algumas mudanças no decorrer dos séculos e tinham se tornado cada vez mais espetaculares, grandiosos e lucrativos. Entrementes, poucos tinham acesso ao que os antecedia.

– Porco imundo! – Ao chicotear, com toda sua força e fúria nos olhos borbulhantes, um homem nu, dependurado ao teto por correntes, o cruzado Edgar abria sulcos em sua pele. – Como ousa persistir na recusa em pronunciar o nome de Cristo?! – Como a língua fora arrancada, era óbvio que o sujeito não podia pronunciar nome algum. – Só posso dizer que está perdido! Tudo o que fizemos, que fique bem claro, foi *ad eruendam veritatem*¹. Mas você continua a renegar a fé cristã! – Seus cabelos ruivos se agitavam, sua barba cheia de respingos de sangue.

Encontravam-se em uma das prisões secretas do Tribunal da Inquisição, na periferia da cidade. O lugar era úmido, frio, e lá estavam vários acusados, já obtidas as confirmações de alguns dos delitos. Um de cada vez, Edgar os analisava e punia, seu rosto quase tão intimidador quanto o da serpente que envolvia a cruz bordada no centro de sua túnica branca de detalhes dourados, azuis e carmesins, que vestia sobre a cota de malha. O costureiro carrasco fora dispensado e alguns outros funcionários estavam ali para cooperar.

O secretário da Inquisição, trajado com uma casula negra e com em sua cabeça um pequeno barrete também preto, magro e um pouco trêmulo, porém mesmo assim de caligrafia impecável, permanecia colado ao réu, com a finalidade de escutar até os seus suspiros. Analisava o semblante, já que este

¹ Para averiguar a verdade.

não tinha mais como falar, e registrava de forma minuciosa o que ocorria.

Só não estava mais atento do que o cardeal Tomás de Torquemada, de batina e barrete cor de sangue, um homem na faixa dos cinquenta anos, seu rosto quadrado e de feição petrificada.

– Já não acha que é o bastante, Eminência? – O médico ali presente, um sujeito pequeno de barrete preto mas trajado de verde, falou com o cardeal, visto que seria inútil se dirigir ao cruzado, que parecia fora de si. Seus olhos quase pulavam das órbitas.

– Ainda é muito pouco. – Torquemada, que fora nomeado inquisidor-geral pelo papa, meneou a cabeça em sinal de negação. – Esse homem chegou a afirmar que os apóstolos nunca foram agraciados pelo Espírito Santo. – Natural de Valladolid, residia agora em Roma, mas sempre se esforçava para comparecer a Autos da Fé de grande porte que fossem organizados mundo cristão afora. – É um ingrato para com Deus e seu Verbo.

O médico achou melhor voltar ao silêncio. Não parava de engolir a saliva. Já testemunhara diversas torturas em tempos recentes. Talvez sua garganta ardesse porque imaginava como seria ter um trapo inserido ali. Esta pena completada com o lento esvaziamento de jarros d'água na cabeça do imputado. Reproduzia-se o terror do afogamento, ao fim o pano retirado com toda a força.

Já prensas de mãos ou pés faziam-no pensar em seus ossos e carne sendo esmagados. Talvez fosse digno de todo o desprezo, e de ter seu membro viril reduzido a uma pasta sangrenta, por ter se excitado com uma jovem nua que examinara, a fim de constatar sua boa saúde antes que fosse colocada sob um fino jato de água gelada e deixada num cavalete nessa condição por um dia e meio.

Provável que fosse pior a roda sob a qual havia brasas

incandescentes, o pobre-diabo amarrado com as costas à parte externa, e o giro se dava bem devagar... Mas como seriam as dores nas costas de um homem acorrentado de cabeça para baixo a uma cadeira de ferro?

Em outra cadeira, repleta de espigões, o mínimo movimento significava que o ferro perfuraria a carne nua.

E ainda havia uma terceira, com o assento metálico aquecido pela fogueira embaixo.

Quase nenhum réu resistia sem confessar.

– Vamos ao próximo herege! – Edgar cuspiu com desprezo no desgraçado que açoitara. Dirigiu-se com seu azorrague para a próxima vítima.

Seguido pelos demais, encarou com severidade, os olhos crispados, uma jovem de aparência cigana, de longos cabelos castanhos cacheados, cujo vestido rasgado sugeria a beleza das pernas.

– Uma acusada de bruxaria, Eminência? – perguntou a Torquemada.

– Isso mesmo – replicou o cardeal. – E essa fala; muito bem por sinal. – Fitou-a de cima a baixo. Estava com os braços levantados, seus pulsos amarrados por cordas, porém tinha os pés livres.

– Parece que hoje não está muito disposta. – A expressão no rosto da moça, de íris verdes e vívidas, estava carregada com uma certa imponência. – Pois eu lhe darei disposição. – Agitou com fúria o látigo e a golpeou na bochecha, produzindo as primeiras marcas. – Vamos, confesse! O que espera? Que Satanás venha salvá-la?

– E se lhe dissesse que sim? – Ainda que fritada pela dor, respondeu com um cinismo altivo.

Torquemada franziu a fronte e abaixou um pouco a cabeça. O médico a meneou para os lados e o escriba anotava cada detalhe.

– Vocês não sabem de nada. – Ela insistiu.

– Cale essa sua boca imunda, prostituta! – Edgar viu no movimento injurioso daqueles lábios a sinuosidade de duas serpentes. – Sua beleza é uma armadilha e sua vaidade prova que não passa de um demônio libidinoso sob as ordens de Lilith e seus súcubos. – Dirigi o olhar para os pés nus, delicados, de unhas bem cortadas.

– Nossos costumes não têm nada que ver com Lilith ou Satã. Vocês, imbecis e ignorantes, não entendem que amamos a vida e a celebramos com alegria, não com culpa e pesar. – Não se tratara da única cigana capturada. Um grupo inteiro fora emboscado, mas os que se declararam cristãos ou se converteram terminaram absolvidos, apreendidos os objetos de ouro e prata que tinham consigo, a fim de arcar com as despesas do Tribunal para com os que persistiam no paganismo.

A princípio, a Inquisição não perseguia os não católicos. Limitava-se aos que, pertencendo à Igreja por terem sido batizados, tinham se apartado dela e manchavam a pureza da doutrina, continuando a se dizerem católicos apesar de teses e práticas contrárias. Ou seja, hereges e apóstatas.

O cenário mudara a partir do momento em que o Tribunal passara a acumular funções de conversão, com maior força no Ocidente. Isso porque se julgara que as conversões, firmando a verdadeira fé, reduziriam a quantidade e as ações dos demônios.

– Você não se arrepende dos seus pecados, portanto. – Com ainda mais força, Edgar atingiu o pescoço da cigana. O médico quase sentiu na própria pele a dor da carne rasgada. Se os cruzados tinham o sangue de Cristo em suas veias, como um deles existia sem manifestar o mínimo sinal de compaixão?

A propósito, agora que Torquemada se tornara o Grande Inquisidor, aqueles homens estariam com toda a certeza muito mais presentes nos processos contra hereges e pagãos, pois era um cardeal da Ordem do Santo Graal, conhecida pelo vulgo

sob a denominação de *Ordem dos padres vermelhos*, como ficava evidente pelo cálice bordado em ouro do lado esquerdo de seu peito e pela presença da cor rubra em suas vestes, algo a que nem todos os cardeais aderiam em todas as ocasiões.

Por um momento, passou pela cabeça do médico que, se preciso, Tomás de Torquemada faria os condenados, apartados do sangue de Cristo, beberem da taça de seu próprio sangue.

– Homens como você são o pior da face da Terra. Covarde. Por que não se afoga no seu mijo? – Aquela mulher parecia difícil de dobrar.

– Ainda persiste em seu orgulho, bruxa desgraçada? – As chicotadas que se seguiram terminaram de rasgar o que restava da roupa da jovem. Embora não o admitisse para si, queria vê-la nua. Espancar mulheres, já que não podia tê-las, era fonte de indizível prazer, ainda que fugaz.

Quando torturava *um* herege, só sentia a ira tomar conta de sua cabeça, que doía. Conseguia ser mais paciente e dar mais golpes fortes do que golpes em quantidade.

Já com mulheres, seu rosto ficava muito mais vermelho, seus olhos se arregalavam e assumiam a aparência de brasas, sua mão não limitava a velocidade e a salivação aumentava. Deixava a saliva pingar no chão ou grudar na barba. Não sentia dores, apenas espasmos, que conseguia disfarçar a custo; e bater com o instrumento de tortura era como deslizar por um corpo feminino seus dedos famintos de pele.

Conseguia diminuir o ritmo somente ao ejacular, e então seu comportamento voltava a se parecer, em geral, com o que tinha em relação aos hereges do sexo masculino. A não ser quando, após apenas alguns instantes de desaceleração, queria mais. E nesses momentos precisava que alguém o detivesse antes que a morte da vítima precedesse seu abrandamento.

– Já chega! Se continuar assim, o senhor irá matá-la! – O médico se desesperou. A cigana, quase nua, estava tão mole e sem forças que sua existência dava a impressão que se

dissolveria.

– Basta, Sir Edgar. – O cruzado só obedeceu à voz fria de Torquemada: deteve-se no ato ao ouvi-la, a princípio trêmulo, aos poucos voltando ao normal. Precisou se contentar com apenas um gozo.

– A bruxa orgulhosa não quer se retratar – justificou-se, arquejante.

– Sei que não fez por mal, meu filho, mas não deveria se exceder assim. Ela terá o que merece em breve. Nós, homens de Deus, não podemos sujar nossas mãos dessa maneira. Deixe que o braço secular cuide disso. – Edgar mordeu o lábio inferior e foram adiante. Goteiras persistiam entre as paredes escuras e molhavam o chão borrado de sangue. Pararam defronte a uma porta de ferro. – Agora vocês dois fiquem aqui. – O cardeal se dirigiu ao médico e ao escrivão. – Pois não é um ser humano o que está aí dentro. – Ambos trocaram olhares receosos.

De fato, um demônio fora arrastado até ali havia pouco tempo. Por um outro cruzado.

Qual a razão da criatura não estar morta e sim detida? O que levava um guerreiro da Igreja a prendê-la ali? Por acaso desconheciam a proibição de deixar próximos pagãos ou hereges e criaturas malignas, pois poderiam entrar em conluio?

Torquemada estava pronto e Edgar, com um olhar sério e atento, também parecia estar.

Entraram e fecharam a porta. Dentro, a iluminação era ainda mais escassa, com uma lamparina mais fraca do que em outras áreas da prisão, pendurada ao teto por três correntes.

A primeira claridade maior a ser notada foi a de um olho que se abria, negro em um fundo dourado.

– Conserte a besteira que Gilles cometeu – ordenou o cardeal. Fora sobretudo para *aquilo* que viera com Edgar, estimulando-o com o espancamento de hereges, algo que sabia que entusiasmava o cruzado e que, pelo passado deste, até consistia

em um pouco mais do que mero alimento para sua euforia. – Faça o que precisa ser feito.

O corpo verde-escuro do monstro estava camuflado às trevas. Apesar de muito musculoso, não tinha forças para se soltar das correntes que o prendiam pelas mãos, estas mais claras, nem para se livrar da crueldade do guerreiro que o trouxera, facas e adagas cravadas em sua carne, algumas serrilhadas, outras mais curvas e afiadas.

Torquemada encarou o demônio por alguns segundos. Havia mais melancolia do que ódio no olho aberto da criatura, cuja barba parecia constituída por espigões semelhantes às duas grandes presas que saíam de sua boca, uma das quais estava quebrada.

O cardeal abaixou a cabeça. Edgar desembainhou sua espada bastarda, de serpe gravada na lâmina e inscrições entalhadas em latim na empunhadura. Eram trechos da Escritura.

Contudo, a arma voou longe no momento em que seria utilizada e foi se fincar na porta, para o susto tanto do Inquisidor como do cruzado.

Alguém emergiu da escuridão, com sua lâmina na garganta do inglês: era outro cruzado, nas sombras até pouco antes; encolhido e em um traje negro, ocultara sua cabeça branca.

– Que brincadeira foi essa, Gilles? – O Inquisidor indagou em tom de reprimenda. – Edgar, não reaja.

– Isso mesmo, Eminência. Diga a ele para ficar paradinho enquanto lhe corto a garganta, para assim o sangue jorrar fresco na minha...

– Gilles, repito para que não brinque com coisas sérias!

– Vossa Eminência disse outra coisa antes, mas não importa! Não tenho a intenção de matar você, *meu irmão*. – O olhar de serpente albina gelou Edgar, que de qualquer maneira não estava conseguindo se mexer. – Só não interfiram na *minha* tarefa. – Reassumiu uma postura normal e afastou a espada fina e afiada do pescoço do cruzado inglês, que recuperou os

movimentos, com a pele, que gelara, persistindo assim.

Edgar visualizou seu sangue como se escorresse azul em seu interior, o que lhe causou um medo oposto ao habitual rubor impetuoso. Isso que já não simpatizava com o francês.

– Você capturou o último demônio que vinha apavorando os arredores de Sevilha. A sua missão, portanto, está encerrada. Não torturamos as criaturas das trevas. São perigosas demais para serem mantidas vivas. Ordeno que o execute agora. – A imposição de Torquemada.

– Esse monstro não está aqui para confessar nada, por isso não planejo meramente torturá-lo. Claro que irei executá-lo, Eminência! Tudo a seu devido tempo. – Albino e de aparência andrógina, seus cabelos longos e brancos e o rosto delicado e liso, era impossível determinar a um primeiro olhar se Gilles se tratava de um homem ou de uma mulher. – Só quero antes testemunhar seu sofrimento e fazer com que sinta na carne a dor que causa aos filhos de Deus.

– Você sempre teve uma personalidade difícil. Ordeno que o execute *agora*.

– *Agora* sim o senhor repetiu o que tinha dito antes.

– Eminência, não pode permitir esse tipo de provocação! – Uma cusparada saiu da boca de Edgar junto com suas palavras.

– Você não se intrometa, com essa sua barba suja cheia de bichos, mais feia do que a de qualquer monstro, que certamente não lava há mais de um ano! Imagino como os piolhos se levantariam e se debateriam se entrasse na água!

– Não trate assim seu companheiro e irmão. – Torquemada tentava impor a Gilles seu tom severo, sem muito êxito.

– Ele é lamentável, Eminência! – O imprevisível francês girou o quadril e lançou sua espada na direção do demônio.

A lâmina estilhaçou parte da barba e atravessou a garganta da criatura, que rugiu. O eco se fez ouvir pela masmorra e aterrorizou os que estavam do lado de fora.

Dentro, Gilles encarou o inglês e abriu um sorriso de orelha a

orelha, ambas quase tão pontiagudas quanto as lâminas que tanto o agradavam. *Ele* que não agradava em nada a Edgar, que se perguntava por que Deus permitia a existência de criaturas do gênero entre os *homens*, e ainda por cima lutando por Ele, quando o que via mais aparentava ter sido cuspidado pela boca do Inferno.

– Missão cumprida! – A sentença final de Gilles.

Um pouco afastado de onde Gilles e Edgar se digladiavam, a noite caía e Antenor aguardava o que estava por vir em frente à catedral de Sevilha, perto de sua torre e campanário, *La Giralda*, com sua base quadrada e 104 metros de altura. Ao soarem os sinos, teria início a procissão.

Aparentando ser um simples jovem de cabelos castanhos curtos revoltos e olhos da mesma coloração, vestia uma camisa branca vincada, de mangas compridas, e uma calça apertada de uma cor semelhante à de sua pele.

Sei que não deveria ter me encantado como me deixei encantar. Perdoe-me, meu Deus! Trazia na cintura somente uma espada curta de guarda circular e mantinha os braços cruzados, reflexivo naquele momento à paisana. *Ainda mais por uma pagã. Se bem que para mim nada serviria de atenuante, já que meu dever é me manter longe da volúpia, de tudo o que é carnal. Nem cristã; nem pagã. Apesar de mais grave ser o encanto por uma pagã. Nunca vou me esquecer do modo como ela me olhou.*

Vira à distância, ao chegar à Andaluzia havia cerca de duas semanas, uma bela cigana de olhos de esmeralda e braços delgados e ágeis, que o cativaram e guiaram sua atenção. Dançava em volta de uma fogueira, na companhia de seu povo, e percebera-se observada pelo estrangeiro a cavalo, que se afastara tanto para não cair em tentação como para não assustar

aquela gente. Apesar de pagãos e da má fama de ladrões traiçoeiros, os ciganos, enquanto cantavam e dançavam, pareciam pessoas puras e alegres, e que por isso mereciam a vida como qualquer outro filho de Deus. Não os flagrara fazendo mal a ninguém.

Matei um demônio naquela mesma noite. E a imagem que vi refletida no sangue do monstro foi o rosto dela, com os olhos que não paravam de me fitar. Aquelas duas esmeraldas... Terá sido um último artifício do Inferno para me fazer cair em tentação? Não daquela criatura, que já estava morta, mas da boca monstruosa de onde proveio, buscando me atrair e devorar? Ora me sinto feliz por ter recebido o olhar dela, o que não deveria sentir, ora me pergunto se deveria nutrir algum receio, pois posso ter sido aprisionado, transformado em um escravo espiritual, por meio de um feitiço.

Não, não, quanta besteira! Sirvo apenas a Cristo. Como poderia o sangue Dele, que milagrosamente até nos torna imunes à morte por idade ou doença, ser mais fraco do que a magia de uma cigana? Talvez ela nem tenha dado importância à minha aparição, apesar de eu sentir que os olhares que trocamos foram fortes, genuínos. E se o Inferno estivesse nela mesmo sem que ela soubesse? Os piores grilhões não são os do sangue e da carne, mas os que se ocultam nas regiões celestes, invisíveis aos olhos dos homens. É o que está na Escritura. Mas justamente pela fé que nos ergue até os Céus mais elevados, devo cessar de temer o mal! Respirou fundo. O que quer que tenha sido, passou, e que Deus perdoe meu pecado! Só peço também para que a proteja, pois não me pareceu uma alma perdida. Que conte com Sua misericórdia, Senhor! Que Sua Luz possa chegar a ela e, quiçá, convertê-la. Persignou-se.

Foi pouco antes da hora de laudes que começaram a chegar os réus, conduzidos por uma escolta de cavaleiros.

A seguir, surgiu uma comitiva de monges e padres, alguns destes provenientes das prisões secretas. Traziam consigo

círios e candeias. A Procissão da Cruz Verde tomava forma e se organizava, conhecida por esse nome devido à bandeira branca com uma cruz desta cor em seu centro, levada pelo fiscal do Tribunal da Inquisição, o cavaleiro que iria mais à frente. Da catedral de Sevilha, dirigir-se-iam à praça principal obedecendo a uma ordem pré-determinada.

Atrás do fiscal, vinham os falsos testemunhantes, obrigados a pagar uma quantia em dinheiro e a usar costuradas nas roupas, por dez anos, línguas de pano grosso.

Na sequência, havia os réus confessos arrependidos de heresias consideradas leves e médias. Vestiam *sambenitos*, tabardos em baeta amarela e vermelha, os seus com uma cruz de Santo André – em X – traçada no peito. Precisavam cumprir penitências e pagar uma multa. Se não tinham como pagá-la, passavam alguns anos presos ou em exílio.

Mais atrás, em *sambenitos* de meia cruz, viam-se os arrependidos de praticarem e/ou divulgarem heresias sérias, como as que negavam a autoridade do papa. Depois de enforcados, e após uma multa paga pela família à Igreja, seriam ao menos admitidos no Purgatório.

Seguiam-nos os condenados à morte na fogueira: réus que não tinham abjurado de graves teses ou práticas heréticas; os pagãos que se recusavam a se converter ou cujas conversões haviam sido demonstradas falsas, apenas aparentes; os que se negavam a admitir seus erros a despeito de diversas provas; e os reincidentes em heresias leves ou médias, chamados de penitentes relapsos. Todos estes traziam nas cabeças chapéus cônicos, grotescos, pintados com símbolos infernais. Seus *sambenitos* retratavam cenas do Inferno, monstros e fogo, as máscaras de aparências demoníacas retiradas dos rostos apenas no momento da execução.

Depois destas tristes figuras que marchavam pesarosas, vinham os familiares dos réus, que, se tinham condições para tanto, custeavam os processos por ordem do Estado. Caso

contrário, contribuíam com o que lhes fosse possível.

Por fim, completando o séquito, os monges e sacerdotes. Importante lembrar que, uma vez interrogados pelo Tribunal da Inquisição – que na teoria era montado para salvar, não para condenar –, era a justiça secular quem providenciava as execuções dos réus considerados culpados. O Corpo de Cristo não podia manchar suas mãos de sangue e, caso se arrependessem *in extremis*, os condenados à fogueira tinham sua pena abrandada. Eram enforcados e suas almas encaminhadas para o Purgatório, a não ser que denunciassem comparsas, e então seriam absolvidos, sob a condição de colaborarem o máximo possível com os próximos interrogatórios.

Será preciso tanto para manter a unidade da Igreja? A comitiva começava a sair da área da catedral. Sobretudo com esses trajes e máscaras, que mais parecem tecer um elogio ao poder do diabo e à sua capacidade de arrastar almas ingênuas? Algo assim não atrai os demônios e os entusiasma ao invés de mantê-los afastados e mais receosos?

Nunca falei com o cardeal Torquemada a esse respeito. Agora que ele é o inquisidor-geral, terei essa coragem? Tenho a liberdade, porém me falta coragem.

Deus nos deu o livre-arbítrio, a todos nós; até mesmo para nos acovardarmos. No entanto, não deveria recear uma conversa séria com um sacerdote, um homem que está a serviço da verdade e do bem. Preciso questioná-lo: essa crueldade é verdadeiramente necessária? Os demônios não estão desaparecendo. Já me disseram que as profundezas do Inferno são gélidas, mas não seriam estas cercadas por imensas labaredas?

Será a primeira vez que acompanharei um Auto da Fé, mas já sei um pouco a respeito. Recentemente li inclusive um velho processo contra uma camponesa acusada de praticar o maometanismo aqui na Andaluzia.

Lorenzo Cavalcanti me falou certa vez que, em contraposição a Cristo, que nos disse para não julgar, certas decisões do Tribunal da Inquisição são equivocadas e pecam pela precipitação, além do uso da tortura, que pode induzir até um inocente a se confessar culpado, pois as dores sofridas são abomináveis.

São Paulo nos disse para estarmos preparados para julgar até os anjos. Mas que “nós”? Homens como nós? Ou homens como ele? Eu não me sinto preparado para tanto. O processo sobre o qual refletia dizia respeito a uma mulher chamada Carla Ordoñez, vítima da inveja de algumas vizinhas, que a acusaram de praticar a religião muçulmana.

Embora se soubesse que a fé de Maomé persistia mais sob a forma de seitas marginalizadas nas ilhas que antes formavam a África e a península arábica, como por exemplo a malfamada Ordem dos Assassinos, acreditava-se também na possibilidade que lá e cá nas ilhas europeias pudessem existir remanescentes, receados por se temer um reavivamento do Islã.

Para confirmar a culpa da denunciada ou inocentá-la, a Santa Inquisição recorrera primeiro à tortura de Maria Zamora, sua amiga mais próxima.

Como Zamora não resistira ao calvário dos interrogatórios, a confissão se concretizara e Carla fora presa e colocada sob a responsabilidade do braço secular, queimada em uma pira no dia 13 de junho de 1945, após cerca de três anos de cárcere e tortura.

Dizia o texto:

Relato da investigação: Na cidade de Granada, a catorze dias do mês de outubro de mil novecentos e quarenta e um anos desde o nascimento de Nosso Senhor, estando o senhor inquisidor Fernán Cortez na sala da Santa Inquisição, foi ordenado o comparecimento de Maria, a Zamora, mulher de Pedro Andrés, lavrador vizinho da vila de Calles. Ela presente

fez o juramento, com as mãos sobre a Bíblia Sagrada, no qual prometeu dizer somente a verdade sobre o que soubesse acerca do que lhe fosse perguntado nesta audiência, como nas demais que se dariam até sua conclusão. Afirmou ter a idade de trinta anos e forneceu sua genealogia, de família pura, cristã, embora parentes de seu marido, já falecidos, conforme investigado e comprovado, tivessem professado alguma forma de paganismo.

A dita cuja foi presa e teve seus bens sequestrados por ter acobertado tais pagãos enquanto ainda vivos e por quiçá esconder as atividades ilícitas de sua amiga Carla Ordoñez, ao que tudo indicava envolvida com a seita de Maomé.

A confissão não veio nem na primeira nem na segunda audiências. Nada falou nestas em relação a si ou a outras pessoas para além do que já se sabia. Apenas na terceira começou a confessar abomináveis cerimônias e testemunhou contra alguns cúmplices. Na sétima, a causa foi dada por concluída, escolhida a tortura para que falasse de modo claro a respeito das condições e intenções sob as quais a heresia ocorreu, sem acrescentar ou diminuir nada. A essa altura, ainda não havia citado o nome de Carla Ordoñez, mulher de Francisco Murcia, vizinho de Calles. Foi-lhe cobrado para que não deixasse de dizer a verdade, ou a intensificação do tomento seria inevitável, necessária para que o diabo deixasse seu corpo.

Afirmou que ouvira dizer de Pedro Andrés que seu sogro defunto fora enterrado na vila de Calles em cerimônia pagã, e o mesmo se dera com alguns vizinhos, simpatizantes de cultos mouriscos, talvez até mesmo ligados à abominável Seita dos Assassinos.

Seguiu-se a entrada do ministro e foi-lhe ordenado que se despisse, castigada para que não omitisse os detalhes. Declarou – “façam de mim o que julgarem melhor. Tenho minha consciência limpa” – , e assim, estando nua, foi punida

pelo reverendo de Deus Nosso Senhor, a fim de que nos poupasse de tanto trabalho e não quisesse mais se ver em perigo. Logo não haveria outra escolha, a não ser empregar o garrote breve ou aplicar as prensas. Disse – “senhores, já lhes falei a verdade. Se há algo que Vossas Mercês tenham contra mim, digam-no com clareza por reverência e respeito a Nosso Senhor. A verdade toda já foi dita” – e as torturas foram intensificadas para que sob a dor o Demônio se desvelasse. Falou – “não tenho mais nada a lhes dizer. Não mentiria perante Deus. Por acaso Vossas Mercês querem que invente e minta apenas para me poupar da dor? Não sou egoísta nem vil a esse ponto, portanto hei de resistir até que minha verdade seja confirmada, mesmo que eu morra” – e o garrote foi utilizado. Nada mais afirmou, até a vez seguinte – “o pobre Carlos, de minha vila, certa vez também foi preso por suspeita de práticas maometanas, mas depois foi revelado que apenas fazia questão de venerar um único deus, que nada mais é do que Deus Nosso Senhor” – e a severidade dos castigos teve que aumentar.

Veio o primeiro estreitamento: estreitou-se uma prensa em seu antebraço direito. Disse – “ai, que triste e infeliz que sou, que amargura ter de declarar o que não sei, pois Carla nunca esteve em nenhuma cerimônia impura comigo, apenas nunca a vi ir à missa nem ouvir a palavra de Deus. Mas a mesma suspeita tenho em relação a Lope e Mariana de minha vila, que nunca vão à missa.”

Segundo estreitamento: a prensa foi aplicada à sua perna esquerda. – “Adán Méndez costuma ir à missa de má vontade e sem gana.”

Terceiro estreitamento: vez do braço esquerdo. – “Senhor Jesus, me ajude, bendito seja seu nome. E Mãe de Deus, não me desampare. Francisco Murcia não deveria ter me dito para mentir.” – o reverendo deixou claro então que, em nome da Bondade de Deus, a verdade fosse dita.

Aplicação do látigo: – “a verdade já foi dita, senhores, já basta. Não há mais o que dizer. Invoco a misericórdia de Nosso Senhor.”

Prensa na mão direita: “ – não aguento mais, prefiro que Vossas Mercês me concedam um fim rápido. Seria mais justo e piedoso.”

Aplicação da cadeira: ameaçada para que não resistisse e dissesse a verdade, replicou – “são sim maus cristãos a dita Carla e seu esposo, mas não tenho mais o que dizer.”

Segunda aplicação da cadeira: antes que fosse assentada ali, gritou muito, opondo-se à repetição do tormento, e afirmou – “sim, tenho por moura a Carla, pois já ouvi dizer de sua boca que não crê em Nosso Senhor Jesus Cristo, e que portanto não crê em Deus, e já a ouvi dizer isso à sua própria mãe, que ficou abismada. E afirmou que nunca se confessaria, porque todos os padres não passam de mentirosos, não representam a Deus Nosso Senhor e mentem aos homens. Se a prenderem farão um grande bem a toda a comunidade cristã” – e assim os reverendos inquisidores declararam que por respeito e compaixão estavam encerrados os interrogatórios. Maria, a Zamora, terminou sã, sem lesão alguma, e esta diligência se concluiu às onze e meia da noite, tal como atesto, Antonio Ibañez, escrevente de Granada (...)

MANDATO DE PRISÃO CONTRA CARLA ORDOÑEZ

+

Nós, os inquisidores contra as práticas e apostasias heréticas e pagãs nas cidades de Sevilha, Granada e Almería, enviamos a vós, Diego Guerra de la Vega, fiscal da Santa Inquisição, para que partais à vila de Calles assim que este mandato vos for entregue e, caso ela lá não se encontre, vasculhai todos os

cantos, proximidades e lugares que sejam necessários, a fim de dessa maneira prender o corpo de Carla, a Ordoñez, mulher de Francisco Murcia, vizinho de dita vila de Calles, onde quer que esta se ache, mesmo que a detenção tenha que se dar em solo sagrado, mosteiro ou igreja que seja; e assim deveis trazê-la aos cárceres desta santa congregação, entregando-a ao alcaide responsável. A este já avisamos para que vos receba e à prisioneira, que não deve ser solta de nenhuma maneira, por nenhuma quantia, sem nossa ordem e permissão. Confiscai todos os seus bens, móveis e imóveis, tenha onde os tenha, e que sejam levados ante Alonso Puerta, notário local, que se encarregará de colocá-los sob o poder de pessoas cristãs e honestas, que os manterão em fiel custódia e não poderão cedê-los a pessoa alguma sem nossa autorização, sob pena que terão de pagar com suas próprias posses, ademais de outras consequências que possam vir de nossa parte. Aos parentes próximos de Carla Ordoñez também deverá ser cobrada uma taxa de dez maravedis para o prosseguimento do processo, garantindo a alimentação e o vestuário da prisioneira. Pedimos para que entregueis esta quantia a Juan Roderico, despenseiro desta santa congregação. Como este já se encontra a par, nenhuma roupa ou coberta de cor negra. E se, para cumprir e executar o conteúdo deste mandato, Vossa Mercê precisar de algum favor ou ajuda, nós vos exortamos a não tardar em nos comunicar. A multa por indolência, caso fracasseis na missão sem manifestar interesse, é de cento e quinze maravedis.

Data de hoje a quatro dias do mês de dezembro de mil e novecentos e quarenta e um anos desde o nascimento de Nosso Senhor.

Doutor Pablo Cifontes de Luarte.

Por mandato da Santa Inquisição

Cristóbal Ángel Quiñonez, tabelião

VOTOS DOS INQUISIDORES E SEUS CONSULENTES: Na cidade de Granada, a oito dias do mês de julho de mil novecentos e quarenta e dois, estando juntos na sala e em audiência desta santa congregação, presididos pelo senhor inquisidor Doutor Federico de Arguello y Lopez, na presença de Dom Luiz de Mendoza, bispo de Granada, e tendo como consultores o procurador Diego Villa e Muñoz Capilla, o administrador do hospital da cidade, o monsenhor Romero Santiago, o alcaide da vila de Calles, Andrés de Mendoza, e Lopes de Villanueva, da Ordem do Sto. Graal, tendo-se visto e analisado todo o processo tocante a Carla Ordoñez, mulher de Francisco Murcia, que posteriormente será de igual modo investigado, foi decidido em conformidade, em base com o voto e o parecer de cada um, que a dita cuja será deixada sob a responsabilidade do braço secular e que seus bens serão confiscados em definitivo, sendo antes da execução posta sob tortura “in caput alienum”² (...)

PRONUNCIAMENTO DA SENTENÇA: Pronunciada e assinada esta sentença pelos senhores inquisidores, que nela deixaram seus nomes, e sendo celebrado o auto público de fé na Praça Maior desta cidade de Granada, quarta-feira, dia treze de junho de mil e novecentos e quarenta e cinco, presentes o promotor fiscal Gabriel Ochoa e Carla Ordoñez, a maometana, como testemunham Dom Fernando Zapata, tesoureiro, os abades Dom Fco. Suárez e Miguel Baltierra, o bispo Dom Luiz de Mendoza e muitas outras pessoas da hierarquia eclesiástica, dá-se hoje a execução da herege e

² Para a obtenção de informações também sobre outros hereges.

anuncia-se a detenção de seu marido Francisco Murcia, ratificadas as práticas heréticas e pagãs perpetradas dentro desta família, evitando-se assim que estas contaminem a população de nosso reino ou, pior, se alastrem pelos demais territórios de Cristo.

Tomada como base aquela leitura, e diante da falta de provas efetivas que muitos casos apresentavam, Antenor conduziu sua reflexão ao seguinte ponto: *Com sinceridade, não compreendo o porquê de nem todos aceitarem a fé em Cristo, que é a única que nos oferece garantias de felicidade e, quando esta se aparta de nós, de esperança. Entretanto, sou da opinião que a vida de todo ser humano, feito à imagem e semelhança do Criador, deveria ser protegida. Apenas os demônios merecem a perseguição, pois são os primeiros a nos perseguirem.*

O ensinamento de Cristo foi feito para todos, não para alguns, e nunca é tarde para se receber o amor de Deus. Quem nunca pecou, que atire a primeira pedra. Trata-se de uma verdade contida na Sagrada Escritura, e não deveríamos nos achar merecedores de atirar pedras em nossos irmãos se mesmo Jesus protegeu uma pecadora. Assim, em lugar de eliminarmos os que parecem contrários a nós, por que não esperar que se convertam ao observarem nossa conduta correta e exemplar? As execuções resultam do medo, do temor que a justa fé se torne escassa. Seria Deus menor do que o medo? Quem tem Deus dentro de si não pode temer que tudo venha a ser perdido, que o Martírio tenha sido em vão. Quem possui Deus em seu interior pode reconstruir a Igreja, mesmo que esta fique em cinzas e tenha se tornado o último cristão da face da Terra.

É verdade que existiram e ainda existem heresias preocupantes que contestam a autoridade dos príncipes e barões, que sustentam que nada deveria ser pago a César, que

tudo pertence a Deus e à sua comunidade. Estas seitas podem ser perigosas, levar a rebeliões sangrentas contra as autoridades legítimas, que São Paulo nos disse que devemos respeitar. E a Igreja no passado agia justamente para evitar as arbitrariedades dos senhores, a violência motivada pelo medo da revolta. As penas eram duras apenas contra os verdadeiros subversivos.

Agora as coisas mudaram, e mesmo cidadãos que pagam seus impostos com honestidade podem acabar mal. Quantas decisões foram realmente equilibradas e sensatas, em quantos julgamentos as investigações foram atentas e fizeram com que o braço secular fosse menos violento do que seria sem a Inquisição?

Não seria o momento de nos perguntarmos se não estamos nos deixando vencer pelo medo, que é veneno para nós e néctar para os demônios?

Segui a procissão, que, sob vaias, fezes e insultos lançados contra os condenados, se dirigiu das cercanias da catedral para o estrado reservado na praça, construído para o Auto da Fé.

Foi realizada uma oração conjunta e a comitiva permaneceria por lá, cercada por cavaleiros da guarda real da Andaluzia e do alcaide de Sevilha.

Ao nascer do Sol, as atividades seriam retomadas.

II – De Profundis

As botas peludas deixavam na neve pegadas profundas, que poderiam ser confundidas com as de algum animal pesado. Faltavam garras para impor o passo de um ser de postura agressiva, embora o rastro de altivez e firmeza ficasse claro, tal qual pertencessem a um predador de nascença, que porém renunciara às suas presas, abdicando do sabor do sangue e do cru.

O homem responsável pelas marcas era o único agasalhado da

comitiva, com um casaco espesso que pouco deixava entrever a armadura por baixo.

Causava reações distintas entre seus companheiros: Gilles, em sua armadura prateada de ombreiras arredondadas, com uma touca metálica a cobrir o alto de sua cabeça e sua nuca, deixando os cabelos brancos escaparem para além dela, ria daquele pescoço duro, da cabeça que quase nunca se virava, limitando-se a mover os olhos, apesar de admirar a beleza preciosa contida nestes, digna dos melhores lápis-lazúli; Edgar, em uma armadura cor de chumbo e com um elmo quadrado encimado por uma cruz e com aberturas apenas para os olhos e alguns furos para a respiração, só estranhava seu hábito de andar agasalhado, afinal, mesmo frente às temperaturas mais baixas, os cruzados costumavam ser inflexíveis, impossível congelar o sangue de Cristo; quanto a Antenor, de armadura com uma cruz dourada no peito, seu elmo cônico de topo arredondado deixando espaço para o rosto a não ser pela proteção nasal, intrigava-o pelo mistério emanado, respeitando-o pelo modo firme de atuar e liderar.

O loiro Fiódor, fitado pelos três, era quem ia adiante.

O lusitano, que sentia a aura do companheiro russo como um paradoxal frio escaldante, que o levava a transpirar, ainda não se esquecera, conquanto no gelo do extremo norte da Noruega, das chamas da Inquisição andaluza, que não experimentara na pele, mas que haviam se entranhado em seu espírito, como dentes ávidos por carne e pertencentes a uma fera vermelha, horrenda e estúpida, porém persistente, que ainda que chutada e empurrada para longe retornava e começava por lhe morder os calcanhares. Subia depois pela panturrilha, até atingir as coxas, onde tinha início o abrasamento sem piedade que investia contra os órgãos sexuais. Aparentava ter o intuito de devorar o pecado com fúria, sem receios de causar dor humana se assim poderia ser evitado o estímulo demoníaco. Porque ele a vira, ao ter a máscara retirada pelo carrasco: a bela cigana,

com o semblante humilhado e marcado, mas ainda assim reconhecível, e as íris de esmeralda que se tornariam negras; centelhas de carvão. Naqueles instantes, balbuciara algo de muito valor, do qual, no entanto, não se lembrava.

Talvez por dentro fizera questão de esquecer, assim como queria apagar a imagem da mulher pagã, neste caso sem êxito. Não pareciam pairar mais dúvidas sobre a influência diabólica, em especial quando, a pira acesa, um dos padres erguera a cruz com a mão direita e ela voltara o rosto para o lado oposto.

Ainda fechara os olhos. Como que para garantir que por nenhuma parte o sinal de Cristo se fizesse acessível à sua visão. E esta fora somente a culminância do processo, já que no caminho da Procissão da Cruz Verde testemunhara os passos arrastados dos condenados, o desespero de alguns claro no esgotamento de quem não via mais nada a fazer. Seus próprios pés de espectador doíam como se tivesse caminhado por horas, descalço, sobre um terreno rochoso. Por essa razão, precisara se aconchegar em um canto da praça para esperar pela manhã. Pouco dormira, mas isso não o prejudicara, pois os cruzados, salvo exceções, precisavam de apenas uma ou duas horas de sono por dia para repousar e ficavam alertas até durante os sonhos, além de serem capazes de cochilar em qualquer postura.

Reabrir os olhos antes da aurora e ouvira a missa da hora de prima, à qual se seguira, após um breve sermão, a leitura da condenação dos réus, feita em voz alta pelo cardeal Torquemada, as arquibancadas cheias, os espectadores ansiosos para jogarem seus bonecos e estátuas nas fogueiras. Cruzes fíncadas no chão, cobertas por panos pretos que só seriam retirados após as execuções, circundavam o altar.

No estrado ao centro, na parte baixa, ficavam os que não seriam mortos; na parte média, os enforcados; na extrema, os condenados à fogueira, o grupo do qual fazia parte a nobre cigana. Nobre não de nascença, mas pelo olhar que tanto

cativara o cruzado. *Gostaria de ter falado com ela pelo menos uma vez.* Contudo, não houvera meio. A seta não fora disparada. E justamente Antenor carregava consigo aljava, arco e flechas.

Agora precisaria atirar e acertar, enquanto Edgar e Gilles tinham suas espadas, a do primeiro inserida em um talabarte de couro, a do segundo já desembainhada.

O inglês também trazia consigo, segurando-o com a mão direita, um escudo em forma de gota invertida com a serpe acima da cruz, pintadas em vermelho. Ao passo que o francês, assim como luso, preferia não usar nenhum escudo.

Fiódor que, com seu elmo pontiagudo e que deixava o rosto exposto, parecia desarmado, o único com as mãos cobertas por luvas, os olhos sempre direcionados adiante.

– Foi-me dito que caçaremos um voador, mas que poderíamos encontrar outros por aqui, que este seria o líder. Sabe de mais algum detalhe, *rus*? – perguntou Edgar, a última palavra carregada de desdém. Nutria um certo preconceito por aquela gente originária de uma terra de hábitos segundo acreditava bárbaros, repletos de resquícios de paganismo. Ouvira falar que por lá os homens trocavam ósculos! Pior do que isso só o vil costume escocês da noiva, após o casamento, circular entre os convidados e beijar todos os homens na boca, recebendo em troca algum dinheiro. Depois lhe diziam para não alimentar receios de russos e escoceses!

– Nada. – Foi a resposta seca de Fiódor. *Ele sabe o meu nome, então que me chame como deve ser.* Se possível, teria aplicado uma concisão ainda maior.

– Que resposta mais concisa! Isso prova de uma vez por todas que não temos líderes, mesmo que alguns queiram sê-lo. – Gilles impôs seu tom atrevido, sentindo que os olhos do russo estavam também na nuca. – Somos todos ignorantes do mesmo modo. Mas não importa! O que interessa é que em breve mais demônios serão mortos, poderei ver o sangue do mal